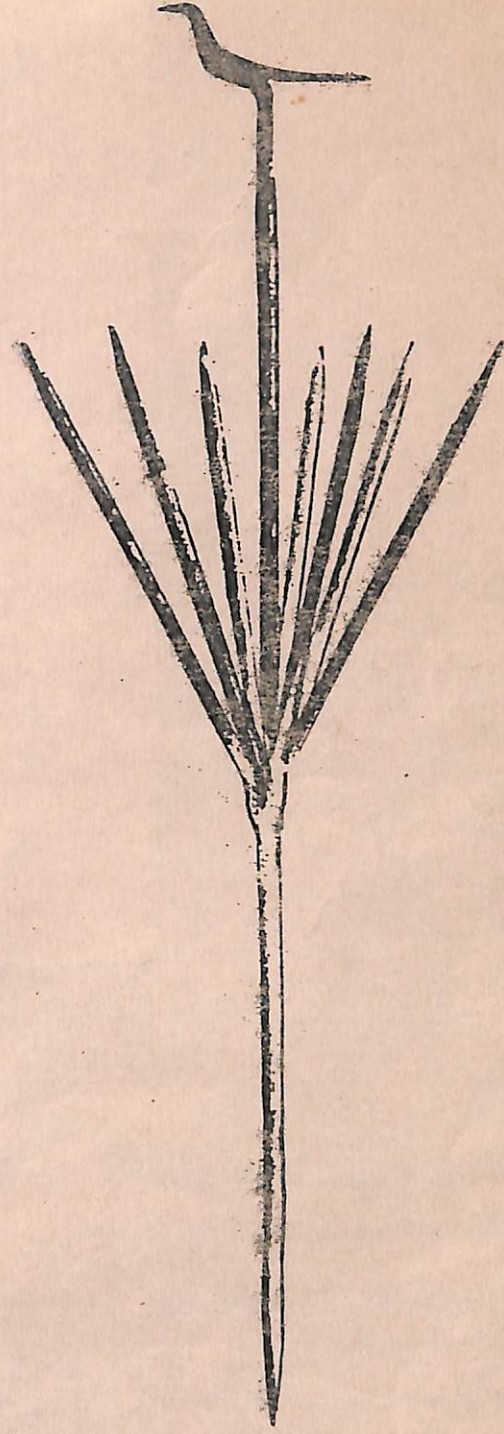




Projeto Jardins das Folhas Sagradas

Prefeitura Municipal do Salvador

Lídice da Mata e Souza

Secretaria Municipal do Meio
Ambiente

João Luiz Silva Ferreira

CSL-74

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
3729	25/09/98	
Nº Reg.	Data	



Festa de Rôco no Candomblé de Olga do Alaketu

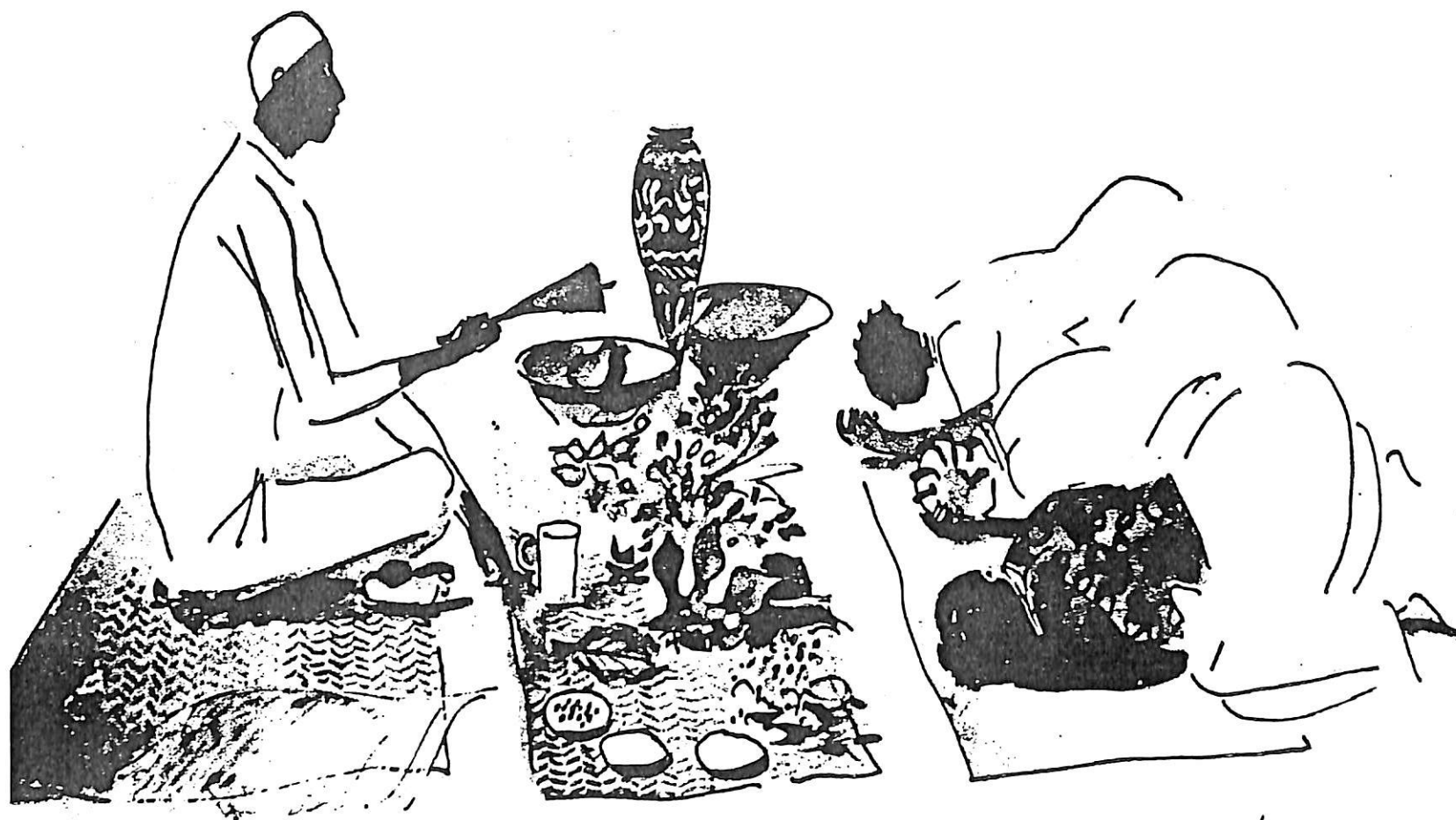
"Assim como os católicos têm imagens para seus santos, nós temos alguma coisa para lembrar os nossos orixás. Mas, não adoramos imagens feitas pelas mãos dos homens como eles fazem. Adoramos a Natureza."

Mãe Aninha - Obá Biyi

Uma cidade é feita de várias, não apenas em termos econômicos e sociais, mas também na dimensão da cultura. Esta multiplicidade cultural, visível nos atos técnicos e expressivos nos quais se manifesta a criatividade de um povo, é facilmente verificável numa cidade como Salvador.

Daí, aliás, que nos pareça incorreto o velho clichê da "identidade cultural" baiana. De uma perspectiva antropológica e democrática, preferimos arquivar a idéia monolítica inscrita na concepção de "identidade" - e trabalhar com o conceito mais amplo e profundo de pluralidade cultural.

Adotando esta postura como questão de princípio, evitamos o equívoco que seria eleger uma forma ou um conjunto homogêneo de forma culturais como definidor da essência de uma cultura que se deixa caracterizar, antes de mais nada, pela sua natureza francamente heterogênea.



Cantando Folhas - Candomblé de Pai Cosme



Assento de Jyami - Olga de Alaketu

Esta heterogeneidade - este caráter plural da cultura baiana - é notável no campo da vida religiosa de nossa gente, onde credos diversos costumam coexistir

simultaneamente não apenas na esfera mais ampla de nossa configuração sócio cultural, mas também muitas vezes na existência religiosa de um só indivíduo.

E não por acaso escolhemos o fenômeno religioso para exemplificar a feição múltipla da cultura que aqui se construiu. Católicos, candomblezeiros, espíritas, protestantes, etc, cultivam suas crenças em todos os cantos e recantos da cidade. E o PROJETO JARDJNS DAS FOLHAS SAGRADAS, da Secretaria Municipal do Meio Ambiente nasceu justamente graças a esta variedade de cultos. É simples. Ocorre que uma das formas fundamentais existentes hoje na Bahia - o candomblé, com todas as suas variações culturais e rituais -, mantém uma relação especialíssima com o Meio Ambiente. Não é outra coisa o que já afirmava a grande ialorixá Aninha - Obá Biyi - quando dizia que o povo-de-santo adora a natureza. Não é preciso insistir aqui na importância do candomblé na vida de nossa gente ou na constituição da Cidade da Bahia como pólo central das manifestações religiosas de raiz negra africana nas Américas. Todos os baianos sabem disso muito bem. O que importa, no momento, é sublinhar vivamente o papel básico, fundamental, que o Meio Ambiente representa na vida simbólica e litúrgica das centenas de templos de candomblé espalhados por toda a cidade. Pois foi isto que levou a Secretaria do Meio Ambiente a formular o PROJETO JARDJNS DAS FOLHAS SAGRADAS.

A relação entre candomblé e Ecologia já foi apontada por alguns estudiosos. Nina Rodrigues, por exemplo, chegou a falar em "fitolatria nagô". E a observação permanece válida para terreiros de outras "nações". De fato, qualquer contato atento com os terreiros de candomblé nos revela um mundo onde a natureza é sacralizada. Elementos ambientais surgem como a manifestação de um poder superior. Divino. E as práticas rituais seriam impensáveis sem o concurso das folhas sagradas. Ficou famosa, de resto, a concisa declaração de uma sacerdotiza sobre este assunto: "sem folha não há orixá".

É claro que isto já acontecia na África. O vínculo religião-natureza, a sacralização ambiental, confere traços típicos às religiões africanas. Fontes, riachos, árvores, montanhas ou grutas podem ser templos. A natureza não é vazia. Pelo contrário, é plena de sentidos. De significância religiosa. E este modo de relacionamento com o Meio Ambiente foi trazido para o Brasil pelos negros africanos, ao longo dos séculos de tráfico escravista.

Os grandes terreiros de candomblé da Bahia apresentam, nesse particular, uma estruturação espacial significativa. De uma parte, temos as edificações: o "barracão", as casas-de-santo, etc. De outra parte, temos o "mato". E o "mato" é sagrado, fundamental para a vida do organismo religioso, com suas árvores, seus arbustos, sua vegetação rasteira, tudo marcado por algum significado especial - muitas vezes secreto, pertencente à órbita do saber iniciático.

Daí que estes terreiros tenham se convertido, no contexto de nossa história urbana, em verdadeiros focos de preservação ecológica, como bem disse a ialorixá Stella de Oxóssi, do Axé Opô Afonjá. Suas áreas verdes resistem em meio ao caos urbanístico que aqui se implantou. E é justamente por isto - pela visão sacralizante do Meio Ambiente e pela preservação do verde - que nenhuma reflexão acerca da questão ambiental na Bahia pode passar ao largo do candomblé.

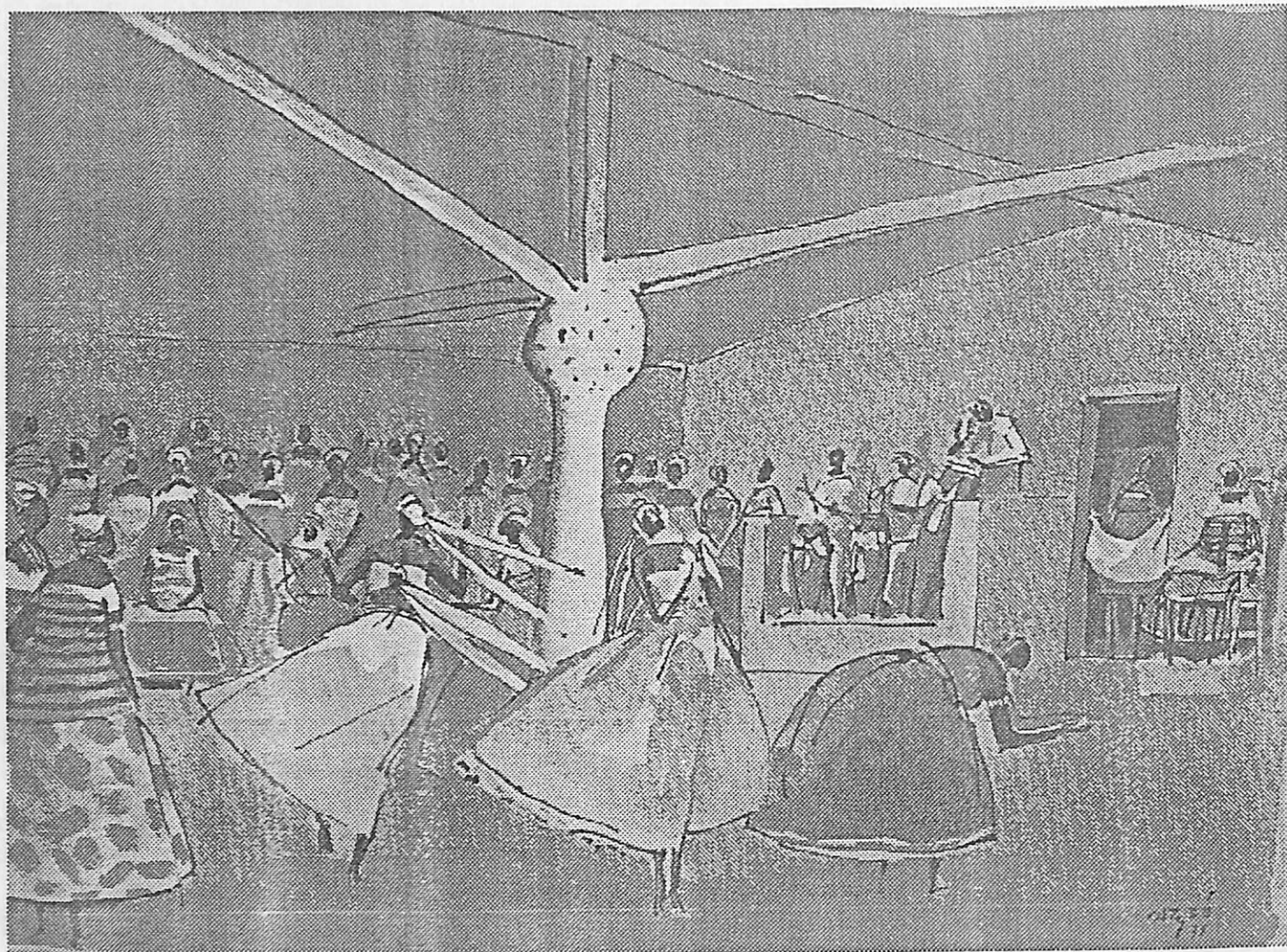
Nada mais lógico e natural, portanto, que a Secretaria Municipal do Meio Ambiente volte seus olhos, concentradamente, para os terreiros. É por este caminho que o ambientalismo se enraíza na especificidade de nossa circunstância sociocultural.



Olubajé de Omulu no Axé Opô Afonjá

Mas não basta estacionar comodamente no plano da reflexão teórica. Apesar de toda a reverência com que são tratados e apesar de sua inquestionável relevância na vida baiana, o fato é que os terreiros atravessam problemas, principalmente em função da expansão urbana desordenada, sob o signo da especulação imobiliária, que

avança destruindo os espaços verdes de Salvador. Esta é a razão pela qual a Secretaria Municipal do Meio Ambiente tomou a decisão de desenvolver o PROJETO JARDINS DAS FOLHAS SAGRADAS, com a finalidade de deflagrar ações práticas de preservação e proteção dos templos negros da Cidade da Bahia.



Festa de Oxumarê do Candomblé do Bogum

A situação delicada em que se encontram os terreiros do candomblé não data de hoje. Veio se configurando progressivamente ao longo de décadas e décadas. Não só os terreiros vêm assistindo à gradual redução de suas próprias áreas - seja pelo avanço urbano, pela sua valorização imobiliária ou por invasões -, como a Cidade de

Salvador, em seu conjunto, vem perdendo com rapidez os seus espaços verdes, antigas reservas de espécimes sagradas utilizadas no culto candomblezeiro.

Já em seu tempo, pesquisando entre o final do séc. XIX e o começo do séc. XX, Nina Rodrigues escrevia: "O culto fetichista das plantas, das grandes árvores sobretudo, é

muito extenso entre os nossos negros e mestiços. O prestígio mágico das palavras cabalísticas e das rezas só encontra rival na virtude de certas folhas. (...) É no tronco das árvores sagradas que se fazem muitos dos sacrifícios e é pela distribuição de comida (sacrifício) às árvores do terreiro que se iniciam muitas das danças públicas dos candomblés." Depois de assinalar a existência desta "fitolatria" em meio às camadas populares de nossa sociedade, Nina registra já o início do processo de devastação do verde, exemplificando-o com o progressivo desaparecimento das gameleiras sagradas de Salvador: "Jroco, a grande gameleira das folhas largas, é notável pelo culto popular que a cerca. Nas estradas e nas matas encontram-se frequentemente quartinhos de água em torno dos troncos. No centro desta cidade se vão tornando raros os Jrocos. Os mais próximos são os dois caminhos do Retiro e do Rio Vermelho. Em tempo foram afamados o do Politeama, o do Campo da Pólvora, o do Garcia, etc.".

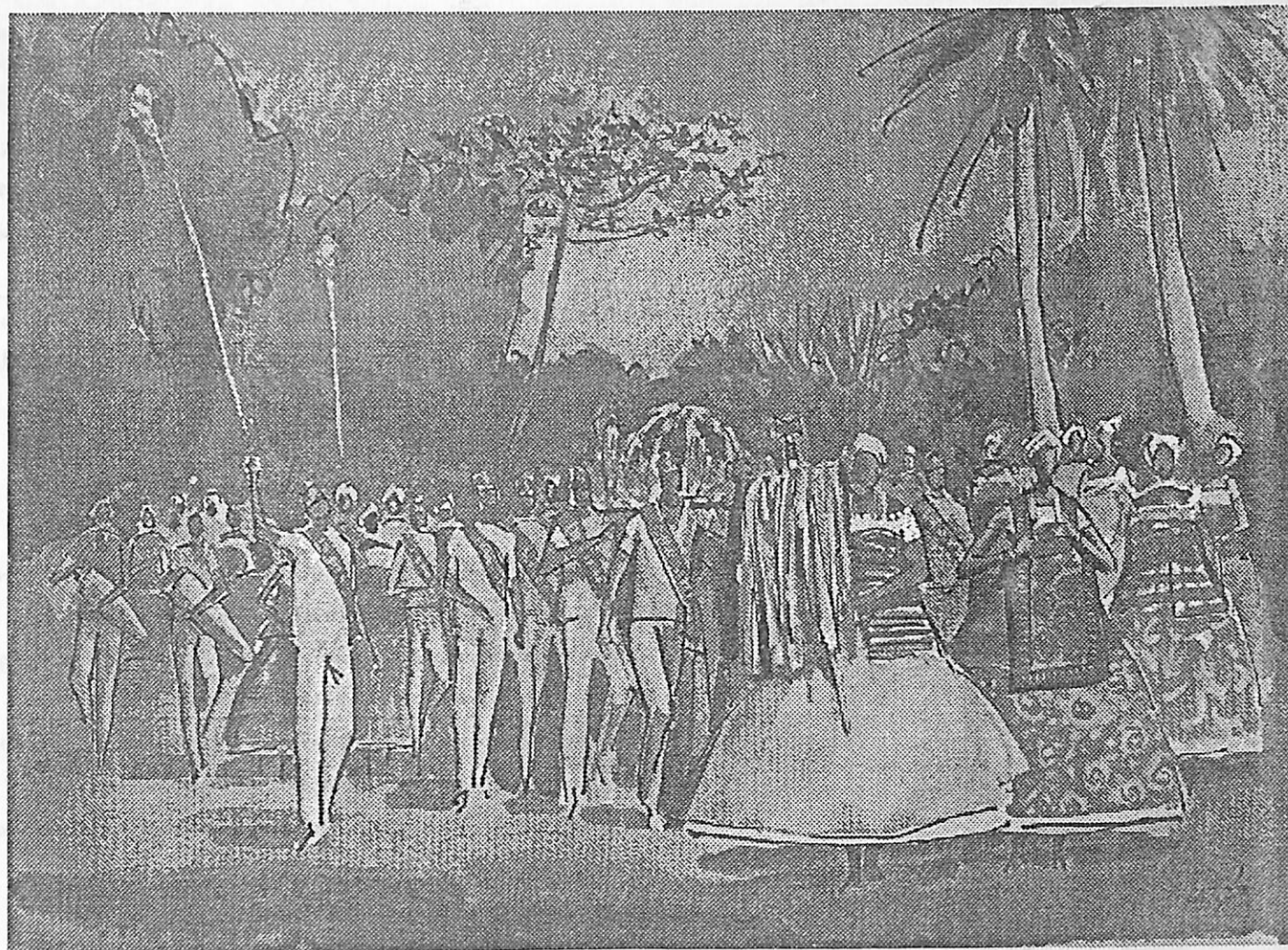
É evidente que o poder público tem uma grande parcela de culpa nesse processo destrutivo. Não só pelo fato de ter deixado que a cidade crescesse como cresceu, sem uma regulamentação e uma vigilância adequadas. Mas também por suas próprias intervenções no espaço urbano, geralmente marcadas pela falta de qualquer consciência ou sensibilidade antropológica e ecológica.

Para dar apenas um exemplo, citemos o caso da construção da Avenida Bonocô. Seu nome vem de Gunocô, "a divindade das florestas", de que já falava o velho Manoel Querino, em seus estudos sobre a raça negra na Bahia. Pois bem: o culto de Gunocô era realizado na supracitada avenida. Lá ficavam o bambuzal e a árvore sagrada de Gunocô. Com a construção da avenida, o poder público, demonstrando desconhecimento ou descaso em relação à nossa vida religiosa popular, destruiu o templo da divindade que viera do continente africano.

É certo que os terreiros de candomblé foram aos poucos se instalando em regiões distantes do centro da cidade. Fugiam então da perseguição policial, que naquela época invadia violentamente as casas do culto negro-mestiço, espancando pessoas e quebrando ou apreendendo instrumentos sagrados necessários aos atos rituais.

Tal deslocamento para longe do centro foi uma decisão estratégica. Instalados na periferia, os terreiros podiam realizar mais tranquilamente os seus ritos e assim melhor preservá-los. Além disso, naquelas áreas periféricas o verde era viçoso e abundante, como ainda hoje se pode ver num terreiro como o Bate Folha.

Ocorre que, com o tempo, a cidade se alargou em muitas direções. E se alargou devorando o verde. De modo que hoje, inclusive, muitos espécimes litúrgicos são difíceis de ser encontrados ou são vendidos por preços excessivamente caros em alguns pontos comerciais da cidade. Se deixarmos que as coisas prossigam nesta direção destruidora, o candomblé ficará de fato sob grave ameaça. Não se trata, obviamente, de adotar uma postura nostálgica, esperneando infantil e ineficazmente por um tempo que já passou. Mas de pensar esta cidade, a vida e a cultura de sua gente, levando em conta, radicalmente as dimensões antropológica e ecológica da existência. É preciso chegar a uma harmonia entre a escala humana, a ecologia e as necessidades técnicas. Como salientou Aloizio Magalhães, um dos principais formuladores de uma política cultural brasileira, "uma civilização não é um atropelado avanço em que a gente vai jogando fora as coisas".



Festa de Jamassê, mãe de Xangô

Sim. Não podemos ir jogando fora os jardins sagrados da Cidade da Bahia. Este é o pensamento que norteia a Secretaria Municipal do Meio Ambiente nesta sua ação em relação aos terreiros de candomblé.



Deus da caça

O PROJETO JARDINS DAS FOLHAS SAGRADAS vem sendo discutido e desenvolvido conjuntamente pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente e por membros do povo-de-santo, da comunidade religiosa do candomblé. Trata-se, neste sentido, de um trabalho de parceria. E isto é fundamental para nós, dentro dos critérios que balizam o campo de nossa política e de nossa ação administrativa. Ao invés de definir um pacote tecnicista na clausura do gabinete, temos desenvolvido uma atividade dialógica constante.

Vemos o PROJETO JARDINS DAS FOLHAS SAGRADAS como uma obrigação incontornável de uma administração municipal que quer imprimir à sua atuação uma nítida consciência eco-antropológica, dentro de uma perspectiva democrático-popular. E temos confiança de que este projeto ganhará contornos práticos não apenas pelo nosso empenho em realizá-lo, mas também porque certamente tocará fundo na sensibilidade de outros órgãos públicos e do empresariado local.

Este será o caminho possível de sua viabilização. E assim poderemos preservar, para a cidade, os jardins sagrados destas casas de culto que, há tempos e tempos, vêm zelando espiritualmente pela gente da Bahia.

A parceria entre a Prefeitura desta Cidade - através da Secretaria Municipal do Meio Ambiente - o empresariado e outras instituições providenciará os meios e os modos precisos à concretização desses trabalhos tão urgentes quanto necessários - ou tão necessários quanto urgentes.

E que os orixás nos sejam propícios.

EWE O!



Ossain dançando



SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE

**PREFEITURA
DE SALVADOR**

TRABALHANDO PARA VOCÊ